



ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALUNOS SURDOS: METODOLOGIAS APLICADAS EM SALA DE AULA

Maria do Socorro Barbosa Almeida dos Santos¹

geosocorrofederal@hotmail.com

Marcela Vitória de Vasconcelos²

marcelavivasconcelos@hotmail.com

Resumo

A geografia, como ciência que estuda o espaço geográfico de forma sistêmica e possui arcabouço teórico que abrange desde aspectos culturais, sociais, econômicos, geopolíticos e educacionais são de grande relevância para todos os alunos que ingressam na Educação Básica. Estudar geografia é um passo fundamental na formação de sujeitos autônomos e conscientes de sua função cidadã. Portanto, a escola constitui-se num espaço ideal para abordar estas questões de forma dinâmica e inovadora através do uso de metodologias de ensino apropriadas aos discentes, de forma inclusiva. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar o ensino de geografia e as metodologias que são utilizadas para trabalhar com alunos surdos. Em seguida, a partir do levantamento construiu-se um panorama dos trabalhos e do que vem se falando sobre as metodologias que podem contribuir para a formação do aluno surdo. Para tanto, propôs-se uma abordagem sobre a trajetória do ensino de Libras no Brasil e sua relevância para a comunidade surda do país. A coleta de dados se deu a partir de pesquisa bibliográfica feita tanto em trabalhos contemporâneos como clássicos sobre a temática. Os resultados indicam que para a efetivação da inclusão na aprendizagem geográfica é necessário que o processo ensino aprendizagem seja pautado na participação de todos os membros da escola e que o professor utilize metodologias direcionadas a este ator social- portador de necessidades especiais.

Palavras-chave: Libras, Inclusão, Ensino-aprendizagem.

Introdução

A ciência geográfica, área do conhecimento que tem como objeto de análise o espaço geográfico, produzido e transformado pela ação antrópica, é trabalhada em sala de aula em

¹ Profª. Ms. de Geografia da Educação Básica no Estado do Piauí. Trabalho feito para obtenção do título de Especialista em Libras.

² Profª. Ms. do Curso de Geografia do Programa Nacional de Professores da Educação Básica (Parfor) da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

diversos níveis da educação. Nesse sentido, há, Segundo Callai, (2015) a necessária de entender a real aplicação dos conteúdos geográficos em sociedade.

É relevante refletir que ensinar geografia é proporcionar ao educando o conhecimento do mundo em diversos aspectos que vão desde conteúdos de cunho social ao físico e que, para tanto, requer planejamento e uso de metodologias adaptadas a diversificados contextos educacionais, dentre eles, o da inclusão. Nesse aspecto é no espaço escolar que esta ciência, quando trabalhada a partir da realidade do discente, desenvolve o processo de ensino aprendizagem (RODRIGUES, SALDANHA, CORREIA, 2018).

Partindo deste pressuposto, o ensino de geografia para alunos surdos é um desafio na medida em que ela, como disciplina escolar é um instrumento de compreensão dos fenômenos do espaço geográfico em que a participação no âmbito social deve ser compreendida a partir dos conhecimentos estudados, assim, desenvolvendo sujeitos conscientes de seu papel social (CAVALCANTE, DE LIMA SUICA, DE ALMEIDA, 2018).

Diante da relevância do ensino de geografia na formação social dos alunos cabe ao docente está preparado para lidar com diversificados contextos educacionais e, dentre estes, se apresenta o conhecimento da Língua brasileira de sinais-Libras, que é a forma de comunicação entre surdos - sua língua primeira. É incumbência, também, do professor usar metodologias que facilitem o processo de aprendizagem desses alunos. Desta forma, é importante que se acrescente em suas aulas recursos didático, não somente em português, mas em linguagem de sinais. Pensando a partir desta temática, a presente pesquisa tem por objetivo analisar o ensino de geografia e as metodologias que são utilizadas para trabalhar com alunos surdos, fazendo-se uma abordagem sobre a trajetória da Língua brasileira de Sinais e sua relevância para a comunidade surda do país.

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa utilizou-se pesquisa bibliográfica fundamentando-se em autores que discutem a temática, entre eles pode-se destacar: Almeida, Rocha e Peixoto (2018), Galdino, Da Costa e Ferreira (2016), Oliveira e Bispo (2018), Fernandes (2016), onde foram selecionados artigos para uma análise das metodologias e recursos utilizados nas aulas de geografia com alunos surdos. Em seguida, a partir do levantamento bibliográfico construiu-se um panorama dos trabalhos e do que vem se falando



sobre as metodologias que podem contribuir para a formação de alunos que sejam portadores dessas necessidades especiais.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: Na primeira seção faz-se uma breve abordagem com relação à ciência geográfica e seu objeto de ensino. Em seguida, aborda-se a trajetória da Língua brasileira de sinais e metodologia de ensino e, por último, análise e discussão dos resultados.

A ciência geográfica e seu objeto de ensino

O atual contexto de globalização e disseminação de tecnologias da informação incide em transformações sociais, econômicas e culturais que são resultado direto desse processo. Essas transformações afetam todas as camadas sociais refletindo-se, desta forma, no sistema educacional à medida que há um grande fluxo de conhecimento, de informações e pesquisas divulgadas a nível mundial e que compõem os conteúdos geográficos trabalhados nos diversificados níveis de ensino da ciência geográfica. Nesse aspecto, De Sá (2016) ratifica as mudanças no atual contexto das sociedades quando afirma que,

A sociedade atual atravessa um momento de transformações que ocorrem em uma velocidade tal como nunca aconteceu. Diante de tantas transformações aceleradas e radicais, as pessoas tendem a questionar e resignificar o sentido da vida individual e coletiva. Surgem novas formas de pensar, novas propostas, novas culturas, novos poderes, novas identidades, e isso tem trazido grandes mudanças no rumo histórico dos objetivos e das modalidades de socialização.

Assim, a geografia possui um arcabouço ou saber geográfico composto por conteúdos que vão desde aspectos sociais, econômicos, culturais, ambientais que devem ser estudados e compreendidos de forma sistêmica e crítica. Neste aspecto, Sousa e Queiroz (2012) reforçam que a Geografia utiliza conhecimentos de outras ciências como a química, geologia, matemática, história, física, astronomia, biologia e, ainda destacam que o saber geográfico compõe-se de conhecimentos cartográficos, da compreensão das relações espaciais e do conhecimento de climatologia, biogeografia e muitos outros.

O saber geográfico é, segundo Fani (2015), histórico, social e composto de relatividades, estando incluso em sua construção à produção de recursos teórico- metodológicos a partir da realidade social vigente. A autora acrescenta ainda que, o conhecimento geográfico se origina justamente no âmbito da dinâmica social onde engloba, entre outros, aspectos

econômicos, políticos e culturais. O saber geográfico é o resultado de seu objeto de estudo, o espaço geográfico que no atual cenário está em constante transformação. Em sua produção o saber geográfico é dinâmico como afirma Mendonça (2015, p. 8).

A produção de um “saber geográfico” move-se no contexto do conhecimento que é cumulativo (histórico), social (dinâmico), relativo e desigual, ao mesmo tempo contínuo/descontínuo. O dinamismo no qual está assentado o processo de conhecimento implica em profundas transformações no pensamento geográfico. O “novo” emerge do constituído e a geografia é um saber em constituição - um processo de reprodução que se realiza pela superação, através de uma postura crítica. Portanto, pode se afirmar que existe, ao longo da constituição do conhecimento geográfico, um movimento constante de superação e de busca de novos caminhos teórico metodológicos.

A educação geográfica deve proporcionar o manuseio de diversificadas modalidades de linguagens, como exemplo, os relacionados à cartografia, tornando esses conteúdos significativos, podendo ainda, desenvolver no educando a compreensão dos conteúdos geográficos de forma concreta. Segundo os autores, o uso correto de linguagens geográficas de forma conjunta viabiliza a aprendizagem significativa dos conteúdos dessa ciência (DA SILVA e MUNIZ, 2012).

O conhecimento geográfico está inserido nos parâmetros curriculares nacionais no qual é apresentado de forma a contribuir na aprendizagem geográfica. Os parâmetros curriculares nacionais como ferramenta que apresenta o papel da Geografia nos diferentes níveis destacam que:

No Ensino Fundamental, o papel da Geografia é “alfabetizar” o aluno espacialmente em suas diversas escalas e configurações, dando-lhe suficiente capacitação para manipular noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade. No Ensino Médio, o aluno deve construir competências que permitam a análise do real, revelando as causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade (PCNs). (BRASIL, 2001, 23).

Nesse aspecto, a atual realidade que se apresenta o ensino de geografia tem-se voltado para um novo contexto em que o educando a partir da compreensão dos conhecimentos geográficos estudados e do seu espaço vivido seja capaz de compreender diversas outras áreas da ciência (CALADO, 2012).

Trabalhar conteúdos da ciência geográfica em sala de aula envolve uso de metodologias didáticas específicas, sendo, portanto, um desafio para o educador. Vasconcelos (2001), ao



discutir sobre metodologias de ensino destaca que o professor constitui-se no elo do processo de ensino aprendizagem, e, assume papel fundamental na medida em que participa do processo. Portanto, a escolha de qual metodologia usar para alcançar os objetivos da aula é importante para que se alcance o resultado desejado. O autor destaca, também, que, metodologia representa o conjunto de métodos e técnicas ou estratégias de aprendizagem. Nesse sentido, metodologia será entendida como estratégias de aprendizagem.

Libras – Língua da comunidade surda do Brasil

A comunicação entre ouvintes e surdos se processa a nível mundial no tempo e espaço. Encontramos em vários cantos do mundo variedade de línguas como exemplo: a língua de Sinais Americana, a Língua de Sinais Japonesa e a Francesa. Cada forma de comunicação possui especificidades a partir de seus traços culturais.

A língua de sinais brasileira, denominada Libras, tem origem na língua de sinais francesa, é largamente utilizada pelas comunidades surdas do Brasil. Esse país de grande diversidade sociocultural possui duas línguas oficiais, o Português e a Libras. Para o ouvinte o Português é sua primeira língua e a Libras a segunda. Já para a comunidade surda do Brasil a língua de sinais é sua primeira e o português, a segunda língua.

A Libras, como uma língua oral, possui formação como outras línguas e é detentora de níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico. A autora ainda destaca que a libras é língua por apresentar componentes de língua naturais, ou melhor, por ser usada pelo homem (GÊISER 2009).

Uma forma de comunicação humana, as Línguas de Sinais, possuem função social pois,

A língua de sinais como um processo é um produto construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas: uma língua natural entendida como veículo de expressão da oralidade, isto é, expressão verbal de uma interação face- a -face, considerando-se que é, através da língua de sinais que as pessoas surdas se falam, com os outros surdos e ouvintes (LEITE, 2005).

A Língua de Sinais, Linguisticamente, é uma língua porque possui características encontradas em línguas naturais, sendo, desta forma, detentora de estrutura como as outras Línguas, pois, é composta de fonologia, morfologia, sintaxe e semântica (AUDREI GESSER, 2009). O autor ainda destaca que a Libras possui peculiaridades como produtividade, criatividade, flexibilidade e arbitrariedade.

A trajetória da Língua de sinais do Brasil é carregada de marcos que, observado seu aspecto sistêmico tem-se a noção da sua relevância para a sociedade surda do país. Seu processo histórico teve início no período Imperial brasileiro, sendo fundamental em sua constituição a introdução da educação sistematizada dos surdos. Várias são as hipóteses de sua gênese. No entanto, a partir de leituras sobre a temática, detectou-se que esse processo ocorreu porque a princesa Isabel tinha um filho surdo e, conseqüentemente, D Pedro II se empenhou na criação de uma instituição educacional para surdos quando este destinou um docente Frances, o professor Surdo, Enerst Huet para trabalhar com este público. Acrescenta o autor que esse profissional teve como incumbência programar métodos de ensino aos surdos ao qual sua vinda estava destinado (RAMOS, 2015).

Essa entidade foi o Instituto Nacional de Surdos – INES, denominado inicialmente de Colégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos motivado pela vinda ao Brasil, entre os anos de 1850 e 1855, o já mencionado professor Edouard Hüet, primeiro professor de surdos no país (BENTES, HAAASHI, 2016).

Essa instituição, cuja contribuição para a sociedade brasileira é especialmente para os Surdos do Brasil, apresenta-se como incomensurável, tendo em vista que dali originou-se parte dos profissionais surdos para todo o território nacional e é ponto de difusão da Língua brasileira de Sinais desde sua gênese. Essa Instituição centenária é o berço da gênese da educação de surdos no Brasil e foi com sua estrutura material e imaterial que se edificou a língua de sinais brasileira, importante para comunicação e socialização desse ator social - O Surdo.

Essa instituição contribuiu de forma marcante para a sistematização do processo de ensino através de iniciativas nos âmbitos de avaliação, metodologias e objetos de ensino para essa clientela e deu ao surdo possibilidade de um diálogo com abordagem direcionada a temática surdez. (BENTES, HAUASHI, 2016).

Além dos resultados positivos que ocorreram com a Implantação do INES, houve, no Brasil, significativo progresso no processo de inclusão da comunidade surda e que são traduzidos em leis que tratam da legitimação da Língua de Sinais. A Libras, reconhecida como língua oficial pela lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002 em seu artigo Art. 1º,

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma



de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Essa forma de comunicação brasileira foi adotada como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas, e adquire a partir deste ato a legitimidade para se tornar ainda mais presente no cenário educacional do país. É também de suma importância para o processo de inclusão dessa comunidade o decreto 5626 de 22 de dezembro 2005, no artigo terceiro expõe que,

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

A Libras, como uma linguagem viva e também forma de expressão de uma comunidade está respaldada com marco regulatório e traz para esses atores sociais um maior respaldo para sua inserção nos mais diversos setores da sociedade destacando-se o setor público e privado especializadas no território brasileiro. A partir da promulgação desta lei, a Língua Brasileira de Sinais passou a ser meio legal de expressão e comunicação, assegurando também que as instituições de ensino de cursos de formação de professores incluíssem o ensino de Libras em seus currículos.

Metodologias didáticas nas aulas de Geografia aplicadas para alunos surdos – Perspectivas e Desafios

O processo de ensino aprendizagem se torna mais eficaz quando o docente faz uso de metodologias que facilitem um aprendizado concreto e significativo para o discente. Em se tratando do ensino de geografia, com alunos surdos e ouvintes, em um mesmo ambiente de aprendizagem, o professor necessita estar preparado para ministrar aulas a esse público diverso e, portanto, a utilizar diferentes metodologias geográficas para alunos com ou sem necessidade especial.

Nesse estudo, propõe-se um apanhado de pesquisas sobre a temática - ensino de geografia e Inclusão - fazendo análise de metodologias que contribuam para o docente ministrar as aulas de geografia de forma dinâmica e produtiva, onde o processo de ensino aprendizagem se concretize. Inúmeros são os estudos que tratam em compreender o processo de ensino-

aprendizagem em seus diversificados aspectos. A tabela 01 apresenta uma seleção de pesquisas cujo objetivo é promover maior conhecimento e atuação do docente no que tange a geografia e o uso de metodologias e recursos didáticos nas aulas para surdos e ouvintes.

Tabela 01: Artigos sobre o uso de metodologias para trabalhar com alunos surdos no ensino de Geografia.

ARTIGO	OBJETIVOS DA PESQUISA	METODOLOGIA
01- Uma reflexão acerca do ensino de geografia e da inclusão de alunos surdos em classes regulares	Objetiva relatar de forma crítico-reflexiva as percepções e experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado II, acerca de como vem se efetivando a educação Inclusiva, numa perspectiva centrada no aluno surdo e na caracterização do ensino de Geografia.	Observação participante
02- Material Didático para o ensino de geografia: uma proposta para alunos surdos	Objetivou apresentar alternativas de metodologias que corroboram no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos no Curso de Licenciatura em Geografia, de forma a contribuir com a prática do docente na sala de aula e também com o aprendizado dos acadêmicos surdos.	Este estudo de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico foi elaborado fundamentado em autores voltadas para o ensino de Geografia e o processo de ensino aprendizagem de alunos surdos.
3-Língua brasileira de sinais: inclusão de alunos surdos e educação geográfica.	Objetivou relatar sobre a inclusão do aluno surdo no ensino regular, identificando as estratégias que permitem a inserção e o desenvolvimento da língua de sinais na escola.	Pesquisa bibliográfica, entrevista com Intérprete, professores, alunos ouvintes, aluno surdo e dos envolvidos no contexto escolar.
4- Inclusão: Educação ambiental aplicada ao ensino de geografia para alunos surdos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental	Objetivou Apresentar novos mecanismos, que facilitem o ensino-aprendizagem de alunos com deficiência auditiva, no tocante às questões relativas à Educação Ambiental.	Comunicação em Libras, material visual e saída de campo, como eixos norteadores da pesquisa. Foi trabalhado o filme “Lixo Extraordinário” de Vick Muniz, que contemplou os aspectos ligados às questões visuais. Trabalho de campo na Estação de Metarreclagem na cidade de Valparaíso de Goiás.
5- Inclusão: ensino de Geografia para alunos surdos, com um olhar sobre a	Objetiva fazer uma análise de questões inerentes à educação inclusiva, a categoria geográfica Paisagem e as	Como método a pesquisa-ação.



paisagem a partir de uma visão freireana.	diferentes formas de abordagem,	de	
---	---------------------------------	----	--

Fonte: Confeccionada pela autora.

A partir das leituras sobre a temática geografia e Língua brasileira de sinais e da análise do primeiro artigo da tabela: Uma reflexão acerca do ensino de geografia e da inclusão de alunos surdos em classes regulares (Tabela 01) em que Almeida, Rocha, Peixoto (2013) expuseram que a experiência de usarem jogos pedagógicos como fator facilitador da interação entre alunos surdos e ouvintes e como recurso didático é fator influente no processo de ensino aprendizagem nas aulas de Geografia. Os autores concluíram que o docente precisa estar engajado de forma ativa na prática inclusiva procurando usar metodologias condizentes com seu público alvo e ir à busca de qualificação específica que lhe proporcione melhor forma de lidar com a inclusão, pois a inclusão de metodologias motivadoras como jogos pedagógicos colabora no processo de inclusão dos educandos surdos às aulas.

A segunda pesquisa, intitulada Material Didático para o ensino de geografia: uma proposta para alunos surdos aponta alternativas de metodologias a ser utilizadas em aulas do curso de Licenciatura em geografia, no Ensino Superior. O uso de filmes com legenda para surdos, o trabalho de campo, multimídia, recursos visuais são fundamentais para o aprendizado do aluno surdo. Nessa pesquisa fica evidente a ênfase dada aos docentes no sentido da relevância do profissional procurar meios de se qualificar na área da inclusão (GALDINO, DACOSTA e FERREIRA, 2016).

O terceiro estudo selecionado foi - Língua brasileira de sinais: inclusão de alunos surdos e educação geográfica. O trabalho aborda a inclusão de um estudante do 6º ano que foi acompanhado pelo pesquisador no ambiente da escolar, dentre estes: A sala de ensino regular, sala de recurso, pátio de recreação, refeitório e quadra. Segundo Oliveira e Bispo (2018) no trabalho ficaram claros, pelo relato do interprete, que há necessidade de maior qualificação em Libras por parte dos profissionais docentes, pois segundo este, é muito importante que todo professor tenha conhecimento dos sinais de libras para que haja uma melhor integração no aprendizado do aluno. Como ponto positivo é que esta escola possui uma sala de recursos contendo televisão, computadores com programas em libras e recursos didáticos como: jogos

em libras, Regiões do Brasil em libras, Alfabeto ilustrado e uma profissional a disposição para trabalhar esses recursos.

A quarta pesquisa selecionada para nossa análise intitula-se: Inclusão: Educação ambiental aplicada ao ensino de geografia para alunos surdos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Nessa discussão, Fernandes (2016) nos apresenta que é viável utilizar vários recursos metodológicos no processo de aprendizagem com alunos surdos. E que para trabalhar o conteúdo educação ambiental, a pesquisa apresenta que houve a junção de metodologias como apresentação de filme, discussão do tema com uso da Libras e trabalho de campo com alunos surdos sobre a temática. O autor concluiu que a metodologia escolhida para trabalhar o conteúdo educação ambiental foi correta, tendo em vista que houve por parte dos alunos resultado positivo, pois a união entre trabalho prático de campo, recursos visuais e de comunicação resultou em aprendizagem do conteúdo.

O último trabalho - Ensino de geografia para alunos surdos, com um olhar sobre a paisagem a partir de uma visão freireana - apresenta como resultado metodologias que foram trabalhadas com alunos surdos contando com o trabalho do interprete de Libras. Nesse estudo, são relatadas experiências metodológicas relacionadas aos Conceitos: meio ambiente, paisagem e uso de vídeo sobre o temática e trabalho de campo ao lixão da cidade. Essa diversidade de metodologias e recursos pedagógicos determinou o efetivo aprendizado dos alunos quanto às mudanças ocorridas no espaço geográfico, ou melhor, interferências nas paisagens a partir da ação antrópica (FERNANDES, 2016).

O autor trabalhou temas geográficos com alunos surdos destacando que o docente é o profissional que deve atuar como mediador no processo de ensino aprendizagem a partir da aprendizagem significativa, nessa experiência metodológica usou-se metodologia freireana, pesquisa ação e trabalho de campo (FERNANDES, 2016).

Considerações finais

A partir das leituras e análises realizada nas pesquisas acima, cuja temática foi: Ensino de Geografia e Língua brasileira de sinais, pode-se inferir que o ensino de geografia para alunos surdos deve ser pautado no conhecimento das interações entre professor, conteúdo, aluno,



interprete e que todos os profissionais incluídos dentro da escola devem ter domínio e fazer uso da Língua brasileira de Sinais para uma melhor inclusão do discente surdo.

O processo de ensino aprendizagem geográfica deve ser planejada de forma que o aluno surdo consiga entender os processos sociais que se processam no espaço geográfico, bem como o surdo entenda que o objeto desta ciência está em constante transformação.

Cabe à escola disponibilizar metodologias adequadas e recursos que viabilizem o efetivo aprendizado do aluno surdo dentro de um contexto de inclusão. E, nas pesquisas, muito se observou sobre a relevância do uso de diversificadas metodologias e recursos didáticos como jogos pedagógicos em Libras que funcionaram como forma de matematizar conteúdos geográficos facilitando sua compreensão.

Nas aulas de geografia há a necessidade de interação entre o professor e interprete, pois, é esse processo que contribui para melhor compreensão por parte dos alunos dos conteúdos geográficos e sua aplicabilidade no âmbito social.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jacqueline Praxedes; ROCHA, Illana Silva; PEIXOTO, Sara Alcantara. **Uma reflexão acerca do ensino de geografia e da inclusão de alunos surdos em classes regulares.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 3, n. 5, p. 98-118, 2013.

BENTES, José Anchieta de Oliveira; Hayashi, Maria Cristina Piumbato Innocentini. **Normalcy, diversity and alterity in the history of the Instituto Nacional de Surdos.** Revista Brasileira de Educação, v. 21, n. 67, p. 851-874, 2016.

BISPO, Marcileia Oliveira; OLIVEIRA, Jasciana Maria Dias Queiroz. **Língua brasileira de sinais: Inclusão de alunos surdos e educação geográfica.** Revista Tocantinense de Geografia, v. 7, n. 12, p. 83-98, 2018.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais do terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. MEC/SEF, Brasília, 2001.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acessado em: 29 de março de 2019.



_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acessado em: 29 de março de 2019.

CALADO, Flaviana Moreira. **O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos.** Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 3, n. 5, p. 12-20, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?.** Terra livre, v. 1, n. 16, p. 133-152, 2015.

_____. **A geografia no ensino médio.** Terra Livre, v. 1, n. 14, p. 60-99, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A geografia brasileira, hoje:** algumas reflexões. Terra Livre, v. 1, n. 18, 2015.

CAVALCANTE, Camila Costa; De Lima Suica, Zayanne Glycia; De Almeida, Jacqueline Praxedes. **O Ensino de Geografia para Alunos Surdos na Escola Campo de Estágio:** realidade revelada. Anais do I Colóquio Internacional de Educação Geográfica e do IV Seminário Ensinar Geografia na Contemporaneidade, v. 1, n. 1, p. 71-80, 2018.

DA SILVA, Vládía; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **A geografia escolar e os recursos didáticos:** o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia. Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 3, n. 5, p. 62-68, 2012.

DE OLIVEIRA, Thabata Fonseca; KELMAN, Celeste Azulay; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. **Criatividade no ensino de geografia para surdos:** propostas para uma aprendizagem melhor. Cadernos de Pesquisa, v. 25, n. 1, p. 63-77, 2018.

DOS SANTOS GALDINO, Gizelle; DA COSTA, Jéssica Alves; FERREIRA, Marilda de Lima Oliveira. **Material didático para o ensino de geografia:** uma proposta para alunos surdos. In: Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE). 2017.

FERNANDES, Jean Volnei. **Inclusão:** Educação Ambiental aplicada ao ensino de Geografia para alunos surdos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), v. 11, n. 2, p. 373-384, 2016.

FERNANDES, Jean Volnei. **Inclusão:** ensino de geografia para alunos surdos, com um olhar sobre a paisagem a partir de uma visão freireana. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 20, n. 3, p. 107-114, 2016.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa.** Crenas e preconceitos em torno de uma Língua de sinais e da realidade surda. São Paulo. Parábola, editorial. 2009.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia socioambiental.** Terra Livre, v. 1, n. 16, p. 113-132, 2015.



RAMOS, Clelia Regina. **Um espaço dedicado a cultura e a diversidade.**
Petropolis-Rj. Ed. Arara azul LTDA.

RAMOS, Adriano Alberto Borges; DE SOUZA, Nitay das Martins; CORRÊA, Ana Grasielle Dionísio. **Desenvolvimento de um jogo digital interativo para apoiar a aprendizagem de libras e da língua portuguesa.** Revista Trilha Digital, v. 2, n. 1, 2015.

REIS, Célia Ferreira dos et al. **Ensino de geografia em escola para alunos surdos: desafios e perspectivas para a aprendizagem.** 2017.

RODRIGUES, Tuane Telles; SALDANHA, Cibele Stefano; CORRÊA, Letícia Ramires. **Construção de disciplina de cartografia escolar em ambientes virtuais de aprendizagem (ava) para alunos surdo.** Redin-Revista Educacional Interdisciplinar, v. 7, n. 1, 2018.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos.**/Nídia Regina Limeira de Sá. 2 ed. São Paulo. Paulinas. 2010.

SOUZA, Claudia Rocha Fonseca; QUEIROZ, Antônia Márcia Duarte. **A utilização dos meios de comunicação no ensino da geografia.** Revista Georaguaia, v. 2, n. 1, 2012.